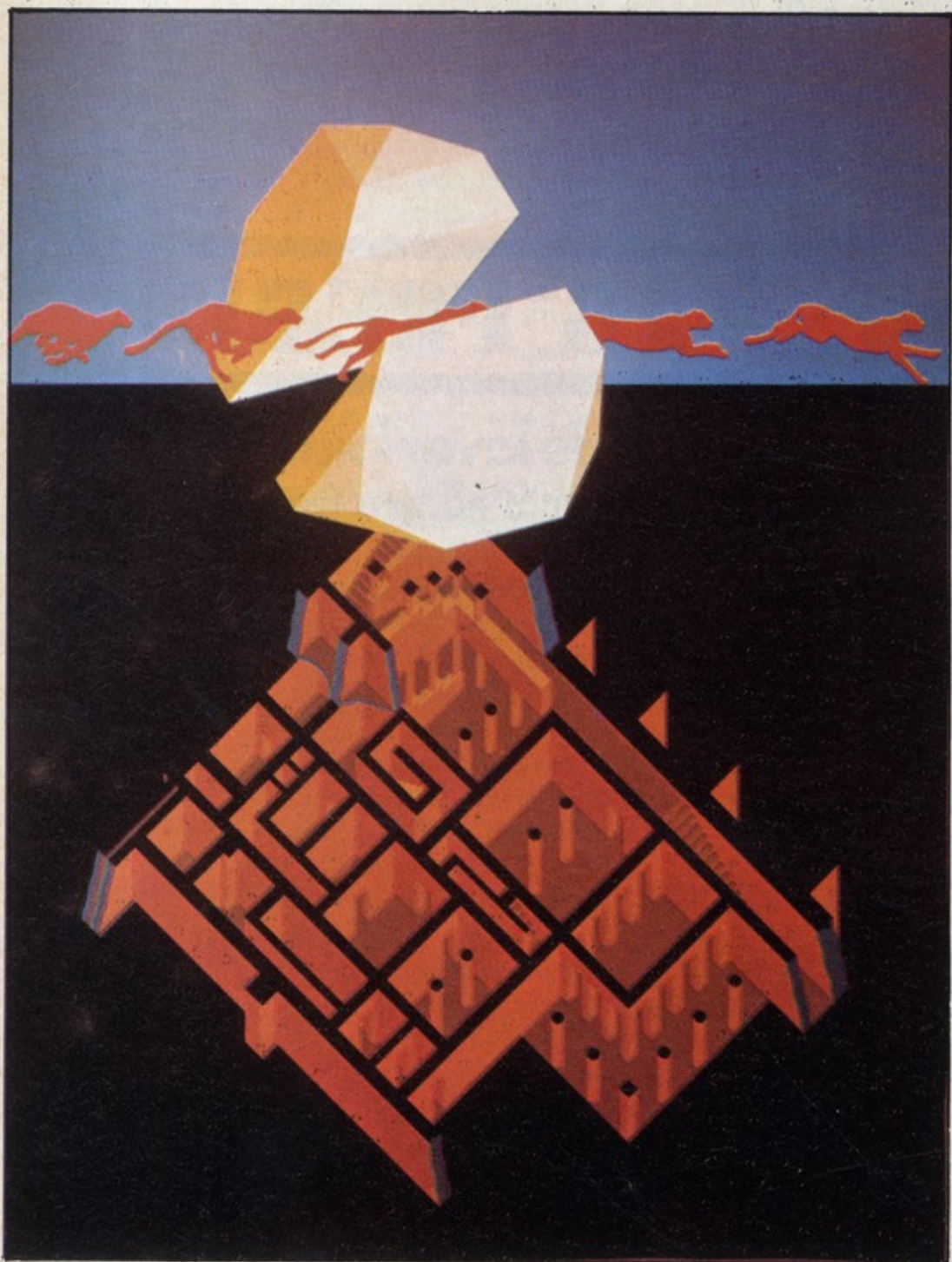


Texto de
EURICO GONÇALVES
Fotos de
ANTÓNIO XAVIER



*Menez – Pintura/1972 –
Tinta acrílica sobre tela,
130x150*



*Sá-Nogueira – 8 N Shunga 4/1969 – Pintura e colagem
sobre madeira, 80x80*

*Eduardo Nery – Labirinto/1973 – Têmpera acrí-
lica sobre madeira, 145x110*

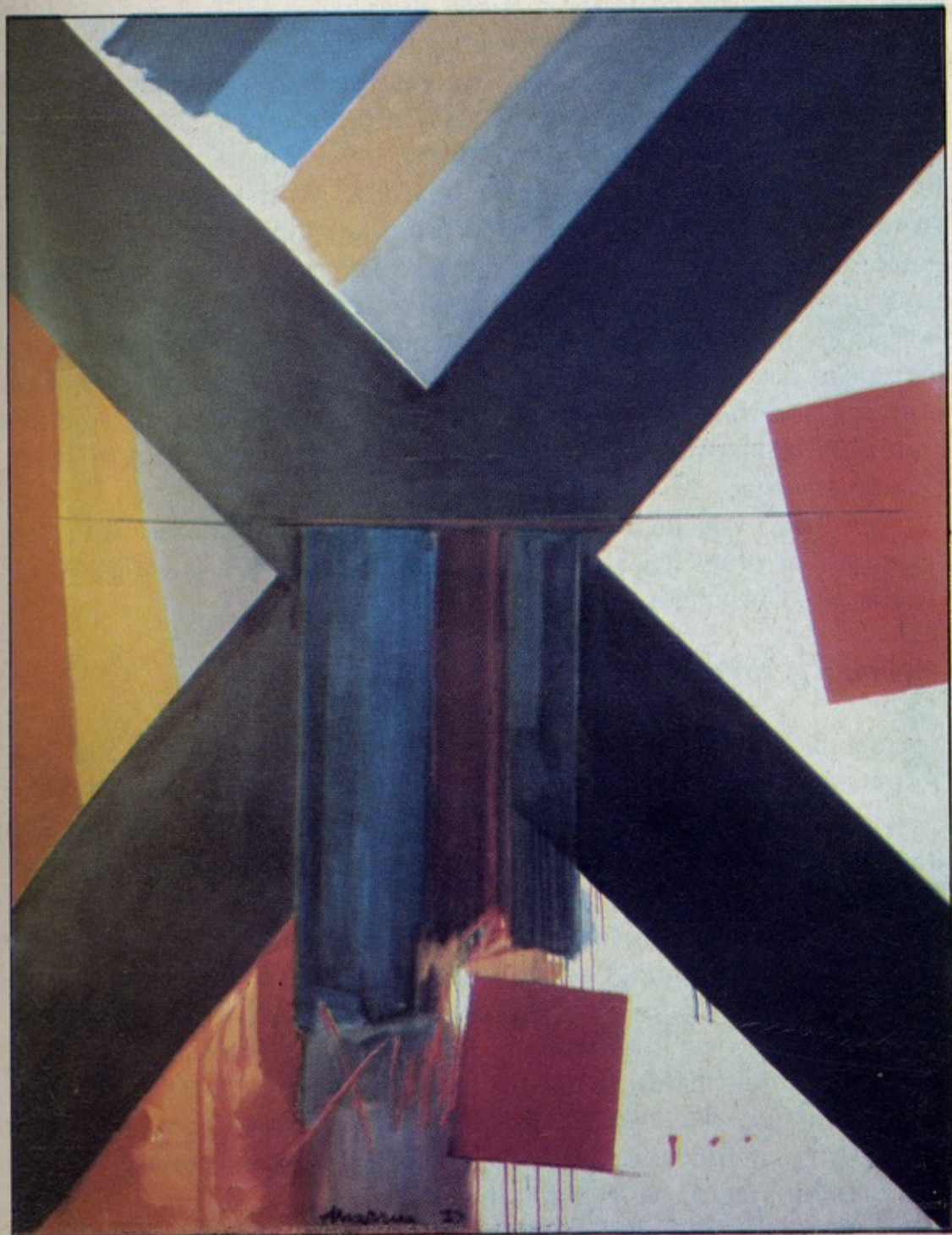
A QUADRUM:

GALERIA DE ARTE SOB O SIGNO DA MODERNIDADE

NO passado dia 22 de Novembro, foi inaugurada mais uma nova galeria de arte em Lisboa, a Quadrum, no mesmo edifício onde, por iniciativa da Câmara Municipal, estão instalados cinquenta "ateliers" para artistas plásticos, anexos ao Palácio dos Coruchéus, em Alvalade. Dispondo de um vasto espaço e boas condições técnicas, a galeria Quadrum é dirigida pela pintora Dulce d'Agro. Quase todas as obras que aí se apresentam na exposição inaugural são propriedade sua, o que revela um gosto e um critério de escolha bastante apreciáveis.

Devido ao tipo de montagem adoptado, a cargo do pintor Fernando Azevedo, com painéis transversais que seccionam equilibradamente o amplo espaço da galeria, esta exposição colectiva fornece diversas possibilidades de leitura.

Curiosamente, esta amostragem de cinquenta pinturas de trinta e cinco artistas modernos portugueses estabelece um certo parentesco,



Júlio Resende – Pintura/1973 – Óleo sobre tela, 160x200

António Charrua – Pintura – Tinta acrílica sobre tela, 173x130

não sei se voluntário ou involuntário, com uma outra exposição colectiva de artistas abstractos e neofigurativos de hoje, realizada em Julho-Agosto, na Sociedade Nacional de Belas-Artes (a mesma que, em Abril-Maio, foi enviada a Barcelona e Salamanca e está preparada para ser mostrada em outros centros artísticos internacionais).

PINTURA ABSTRACTA E NEOFIGURATIVA DE HOJE BREVE CONFRONTO NECESSÁRIO

A exposição da Quadrum, não pretendendo ser panorâmica, nem pretendendo sequer ser, ao que suponho, uma *segunda exposição de pintura abstracta e neofigurativa de hoje*, poderá, em todo o caso, ser entendida como tal, proporcionando um confronto que não deixará de ser útil no esclarecimento de alguns aspectos. Apresentando-se mais diversificada, embora sem a unidade e o cunho cultural da exposição das Belas-Artes, a exposição da Quadrum permite reflectir sobre alguns pontos, no sentido de tentar preencher lacunas e ressaltar erros cometidos.

Dos trinta e cinco artistas reunidos na nova galeria de Alvalade,

A QUADRUM: GALERIA DE ARTE SOB O SIGNO DA MODERNIDADE

apenas três (Artur Rosa, Fernando Lemos e Vasco Costa) não estiveram representados naquela exposição itinerante. Falha que deverá ser reconsiderada e corrigida, bem como a integração de obras de Maria Helena Vieira da Silva, cuja ausência não se justifica de modo algum numa exposição que se propõe mostrar no estrangeiro. Na altura, alegou-se que se estabeleceu como norma não incluir obras de artistas que, sendo portugueses de origem, adoptaram posteriormente outras nacionalidades (francesa a Vieira da Silva, brasileira o Lemos e americana o Vasco Costa), razão que se me afigura ridícula e pouco satisfatória.

Além deste pormenor que a presente exposição da Quadrum vem relembrar, há ainda um outro aspecto que vale a pena aqui referir: o problema do catálogo. Há quem considere o catálogo um elemento secundário e até dispensável. Por mim, penso que o catálogo é um documento necessário, na medida em que permanece para além da própria exposição, como elemento de consulta, de referência e até de estudo. Refiro-me a um catálogo feito a sério, isto é, com responsabilidade cultural, e não apenas o enumerário de nomes e legendas de obras, reproduzidas ou não. Ora, enquanto o catálogo da exposição de pintores abstractos e neofigurativos de hoje, realizada na S. N. B. A., nos dá, efectivamente, esse cunho cultural, com um prefácio e uma cronologia das actividades mais marcantes dos últimos trinta anos (1942-1972), além de reproduzir as quarenta e sete obras que foram expostas, acompanhadas de uma sucinta nota crítica e "curriculum", já o mesmo não sucede com o catálogo da galeria Quadrum que, com bom aspecto gráfico e reproduzindo uma obra de cada um dos seus trinta e cinco artistas, inclui um pequeno texto introdutório, assinado por José-Augusto França, que, não estando à altura do conjunto da exposição, não passa de mera banalidade literária, que não interessa, nem como referência nem como elemento de consulta e estudo. E é pena que tal se verifique, pois a exposição merece um estudo atento e analítico, que poderá inserir-se numa visão crítica e sociológica da produção artística portuguesa no momento actual, dado que quase todas as obras aqui presentes foram realizadas já nos anos setenta. Visão



Júlio Resende – Pintura/1973. – Óleo sobre tela, 160x200

crítica e sociológica que o autor de "A Arte e a Sociedade Portuguesa no Século XX" é perfeitamente capaz de formular.

Em relação à exposição "abstractos e neofigurativos de hoje", poderemos ainda assinalar, na exposição da Quadrum, o seguinte: alguns artistas estão aqui mais bem representados (Júlio Resende e António Charrua) e outros com mais de uma obra — Fernando Azevedo (4), Manuel Baptista (2), Fernando Calhau (2), Noronha da Costa (2), Paula Rego (2), António Sena (6) e Nikias Skapinakis (3) — o que possibilita uma compreensão mais ampla do valor desses autores. Em contrapartida, dos quarenta e cinco pintores integrados naquela exposição itinerante, além de Amadeo de Sousa-Cardoso, que é evocado aí como um autêntico pioneiro da modernidade em Portugal, faltam, no conjunto da Quadrum, os seguintes quatorze artistas: Helena Almeida, António Areal, René Bértholo, Artur Bual, Lurdes Castro, Cesariny, José Escada, Vítor Fortes, Fernando Lanhas, Álvaro Lapa, Eduardo Luís, Jorge Pinheiro, Fátima Vaz e Maria Velez.

Não sendo tão completa, nem estando nos seus propósitos repetir a exposição das Belas-Artes, a galeria Quadrum apresenta um conjunto de pintores que, sendo muitos deles os mesmos, estão aqui representados com obras diferentes e até numa outra perspectiva que, de certo modo, é complementar.

Terminado este pequeno confronto, passamos a abordar mais especificamente as obras que se encontram, em exposição, na galeria anexa ao Palácio dos Coruchéus.

PINTURA MODERNA PORTUGUESA

Logo à entrada, o visitante depara com uma arte sensorial e espontânea, manifestada na pintura de raiz expressionista de Júlio Resende e António Sena. Enquanto em Resende há uma figuração diluída, onde a impulsividade da mancha se alia à exasperação quase estridente da cor matérica, em Sena desenvolve-se, em termos mais deliberadamente abstractos, uma escrita informal (a garatuja) que, em função das características específicas do suporte, se integra em composições esquemáticas de formas rectangulares. Esquematismo gestualmente assumido no monumental "X" negro de António Charrua. O grande "X" que marca também o relevo matérico (quase vulcânico) e monocromático de João Vieira. O vitalismo desmedido de um e o barroquismo denso e abrupto de outro constituem, nesta exposição, dois exemplos claros de alto tom dramático.

A sensorialidade é mais subtilmente reafirmada no paisagismo atmos-



Joaquim Rodrigo – Lisboa-Londres-Paris-Madrid/1973 – Óleo sobre madeira, 146x97

A QUADRUM: GALERIA DE ARTE SOB O SIGNO DA MODERNIDADE

férico e abstracto de *Fernando Azevedo*, *Menez*, *Cargaleiro* e *Vasco Costa*. Nestes três últimos há um sensualismo de cor e luz no desenvolvimento de uma escrita ornamental e espacial que, em *Menez*, atinge um timbre "fauve" na aplicação directa da cor pura e contrastante, evocando, por vezes, a pintura do francês *Lapicque*. Um timbre "fauve" que adquire um carácter telúrico na pintura macerada de *Nikias Skapinakis*, onde pequenos aglomerados de minúsculas formas, recordadas em cor, se contrapõem a fundos lisos.

A partir da apropriação de imagens correntes e técnicas da vida urbana e contemporânea, fornecidas pela fotografia, o cinema e o cartaz publicitário, o expressionismo figurativo torna-se frio, distante e impessoal nas pinturas de *Cruz Filipe*, *Rocha de Sousa* e *Gil Teixeira Lopes*. É sobre a impressão fotográfica que *Cruz Filipe* elabora as suas composições. Aí, imagens do passado surgem em confronto com imagens do presente. É simulando, em termos de pintura, as técnicas da colagem e da fotomontagem que *Rocha de Sousa* nos devolve, em tons neutros, a memória de uma realidade fragmentada, vivida na infância. Mais espectacular e com alusões eróticas é o expressionismo de *Gil Teixeira Lopes*.

Noronha da Costa é autor de uma pintura fantasmagórica de imagens evanescentes, diluídas na luz difusa de um espaço-*"écran"*.

A Nova-Figuração é aqui representada por obras de *Costa Pinheiro*, *Joaquim Rodrigo*, *Paula Rego*, *Sá-Nogueira*, *Pomar*, *Eduardo Nery*, *Jorge Martins* e *Carlos Calvet*.

O grafismo adquire um grande rigor formal e emblemático no retrato mítico e patético do rei D. Duarte, "O Melancólico", de *Costa Pinheiro*. Valores narrativos de uma "imagerie" popular são esquematicamente apontados, como impressões ou recordações de viagem, na composição "Lisboa-Londres-Paris-Madrid", de *Joaquim Rodrigo*. As figuras grotescas e biomórficas de *Paula Rego* exprimem um erotismo que, mais friamente, se verifica também nas formas arredondadas e estilizadas, pintadas com cores lisas e contrastantes por *Sá-Nogueira* e *Pomar*. Erotismo que se manifesta ainda na pintura ornamental e tensa de *Vespeira*, cujo cromatismo vibrante provoca, por vezes, um certo efeito psicadélico.

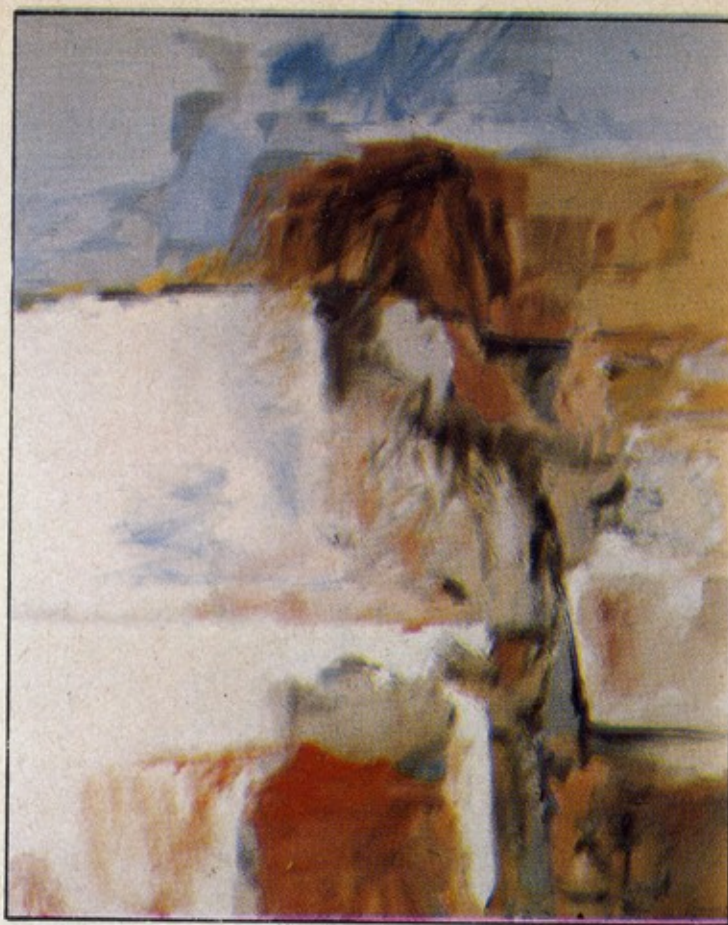
É recorrendo ao decalque de imagens "clichés", retiradas de compêndios de zoologia, mineralogia e arquitectura, que *Eduardo Nery* constrói um espaço cénico de grande impacte visual.

Jorge Martins representa em "trompe-l'oeil" peças em relevo de um "puzzle" imaginário.

Na pintura de *Carlos Calvet* há uma dimensão metafísica que nos aproxima do mundo da ficção; mesmo as suas formas mais abstractas são "coisificadas", isto é, representadas como se fossem objectos reais.

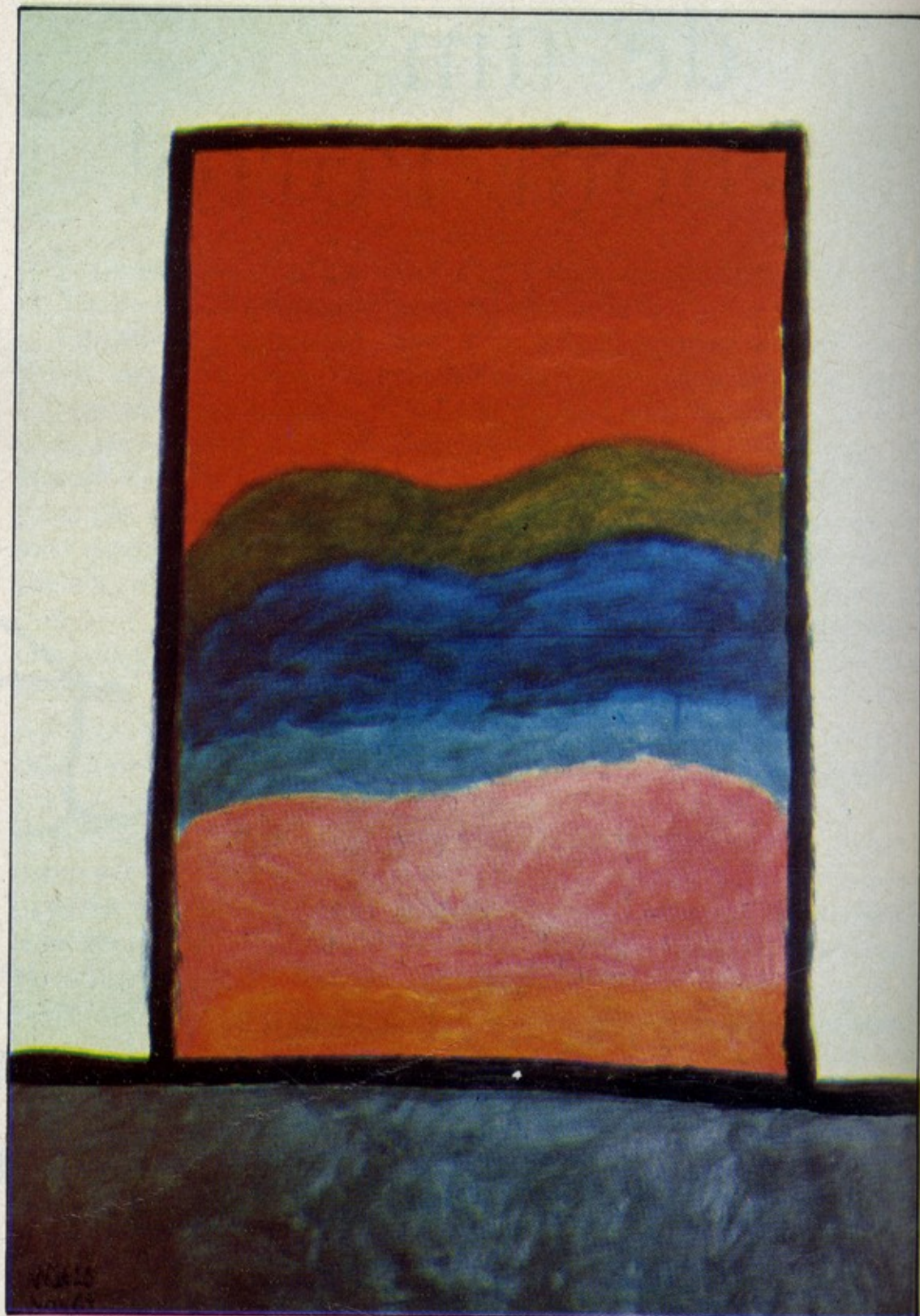
O abstraccionismo geométrico teve, entre nós, em *Nadir Afonso* um dos seus pioneiros, nos anos quarenta e cinquenta. Nesta tendência integram-se as obras op de *Artur Rosa* e *Fernando Calhau*, a pintura *hard-edge* (de cores vivas e contornos nítidos, duros) de *António Palolo*, o relevo branco de *Justino Alves*, os grandes signos geométricos de *Alice Jorge* e *Fernando Lemos*, e a composição gráfica de *António Mendes*. Valores de envolverência luminosa se afirmam nos quadrados verdes de *Fernando Calhau*. Em *Palolo* manifesta-se uma alegria, patente na justaposição de listas rectangulares e paralelas de cores contrastantes, criando um amplo campo visual que enfaticamente estrutura um decorativismo primário, que lembra o das barracas de feira, pelo que estamos talvez em face de um dos poucos casos portugueses de *arte "pop" abstracta*.

A alegria atinge uma grande pureza expressiva no abstraccionismo lírico de *Ángelo de Sousa*. Arte extremamente simplificada que, em *Eurico*, procura conjugar a serenidade do disco (forma arquetipal) com



Fernando Azevedo -
Pintura/1973 - Têmpera sobre madeira, 46x38

Ángelo de Sousa - Pintura/1965 - Tinta acrílica sobre tela, 135x98



a exasperação gestual da mancha.

A pintura em relevo de *Manuel Baptista* é já a expressão de um espacialismo que se define a partir da junção de formas angulosas e ondulantes, em cujos contornos paralelos e repetitivos incide um claro-escuro que provoca no espectador um estado de fascínio e fixidez hipnótica, motivado pelo poder encantatório da cor.

Espacialismo que, nos limites físicos da própria tela, é também ponto máximo de despojamento na pintura de *Nuno de Siqueira*, onde valores gráficos e de transparência são anotados na apropriação sensorial da superfície.